



**INSTITUTO
FEDERAL**

Alagoas

INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS

CAMPUS ARAPIRACA

LICENCIATURA EM LETRAS

CARLOS MIGUEL FERREIRA SANTOS

**A COMPREENSÃO DE TEXTOS COM PRESENÇA DE IRONIA E
HUMOR**

Arapiraca – AL

2023

CARLOS MIGUEL FERREIRA SANTOS

**A COMPREENSÃO DE TEXTOS COM PRESENÇA DE IRONIA E
HUMOR**

Trabalho de conclusão de curso submetido ao Instituto Federal de Alagoas como pré-requisito necessário para a obtenção do grau de Licenciado em Letras Português, sob a orientação do professor doutor Álisson Hudson Veras Lima.

Arapiraca – AL

2023



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Arapiraca

S237c

Santos, Carlos Miguel Ferreira.
A compreensão de textos com a presença
de ironia e
humor / Carlos Miguel Ferreira Santos. – 2023.
1 PDF: il., color. (1 arquivo: 1,9 MB).

Arquivo digital no formato PDF do trabalho acadêmico com
57 folhas.

Orientação: Prof. Dr. Alisson Hudson Veras Lima.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação,
Licenciatura em Letras-Português) – Instituto Federal de
Alagoas, Campus Arapiraca, Arapiraca, 2023.

1. Humor. 2. Ironia. 3. Compreensão textual. I. Título.

CDD:

401.93

Luciete B. da Silva
Bibliotecária – CRB-4/1739

Trabalho aprovado. Arapiraca- AL, 28 de junho de 2023:

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Álisson Hudson Veras Lima (Orientador)
Instituto Federal de Alagoas, Campus Arapiraca

Prof. Dr. Danillo da Conceição Pereira Silva
Instituto Federal de Alagoas, Campus Arapiraca

Prof. Esp. Wilma Albuquerque da Silva Leite
Instituto Federal de Alagoas, Campus Arapiraca

ARAPIRACA - AL
2023

Dedico ao meu orientador pelo fato dele ter me demonstrado que o âmbito acadêmico não define a pessoa que você é.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente por ter me concedido uma família maravilhosa, que salvou minha vida desde meus primeiros momentos na terra, e pelas diversas oportunidades que ele me proporcionou de orgulhar aqueles que me adotaram em seu lar e me cobriram com tudo aquilo que uma vivência simples, porém repleta de afeto, pode oferecer.

RESUMO

A presente pesquisa, pode ser compreendida como o alicerce de uma inquietação que surgiu a partir, primeiramente de uma paixão em conflito com a curiosidade que norteou a busca pela compreensão dos fatores que acarretam o humor e seus aspectos, e pela experiência em estar frente a uma classe de usuários da língua que, apesar de fazer uso de determinados mecanismos linguísticos que corroboram para o surgimento de alusões ao tom humorístico, não conseguem compreender o que está presente nas entrelinhas de suas próprias falas, ou na de terceiros dependendo do contexto, no qual são expostos. Indo por um viés técnico, o trabalho consiste no amadurecimento de conhecimentos que serão necessários futuramente em uma ideia macro, provavelmente resultando em uma nova oportunidade de pesquisa. A princípio, tornou-se imprescindível conhecer o funcionamento de alguns usos de linguagem que dizem respeito às características empregadas na abordagem humorística, como exemplo disto, a ironia e/ou sarcasmo. Porém, a problemática que apoia esse bojo de conhecimentos que estão instituídos no uso, seja ele na fala ou em nível textual, é a relação que os usuários da língua buscam, mas não conseguem alcançar com clareza, entre o humor e a figura de linguagem que o cerca, a ironia. Por não existir um acordo que delimita uma fronteira entre ambas, se instaura a incógnita. Ao buscar reconhecer através da interpretação o quão os alunos enquanto usuários da língua, conseguem apontar determinados usos pautados em contextos que envolvem humor e ironia, estão suscetíveis a explicar fenômenos que estão presentes no texto e que funcionam como gatilhos para gerar determinada reação ao leitor, podemos compreender onde está a possível dificuldade na compreensão deles. Se se trata de baixa desenvoltura ao interpretar, se é uma abordagem com peso técnico que não condiz com o que é exigido deles, ou mesmo, não saber identificar a função empregada nas figuras de linguagem trabalhadas.

ABSTRACT

This research can be understood as the foundation of a concern that arose from, firstly, a passion in conflict with curiosity that guided the search for understanding the factors that lead to humor and its aspects, and the experience of being in front of a class that, despite making use of certain linguistic mechanisms that corroborate the appearance of allusions to the humorous tone, cannot understand what is present between the lines of their own speeches, or that of third parties depending on the context in which they are exposed. Going by a technical bias, the work consists of maturing knowledge that will be needed in the future in a macro idea. At first, it became essential to know the functioning of some uses of language that relate to the characteristics employed in the humorous approach, as an example of this, irony and/or sarcasm. However, the issue that supports this body of knowledge that is instituted in use, whether in speech or at the textual level, is the relationship that language users seek but cannot clearly achieve, between humor and the figure of speech they use. the fence, the irony. Because there is no agreement that delimits a border between both, the unknown is established. By seeking to recognize through interpretation how students, as language users, are able to recognize and point out certain uses based on contexts involving humor and irony, they are susceptible to explaining phenomena that are present in the text and that work as triggers to generate a certain reaction to the text. reader, we can understand where the possible difficulty lies in understanding them. If it is a matter of low resourcefulness when interpreting, if it is an approach with technical weight that does not match what is required of them, or even, not knowing how to identify the function used in the figures of speech worked on.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	01
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	06
2.1. O que é leitura?	06
2.2. Mecanismos envolvidos na leitura	09
2.3. O humor e a ironia	12
3. METODOLOGIA	21
3.1. Métodos de abordagem	21
3.2. Métodos de procedimento	22
3.3. Tipo de pesquisa	23
3.4. Análise e discussão	24
3.5. Conhecimento Linguístico.....	28
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46

1- INTRODUÇÃO

À medida que os estudos linguísticos avançam, surgem necessidades específicas de compreensão do funcionamento de determinados contextos do uso da língua, desde a escrita e leitura, até a fala. Esse fator permite que o objeto do estudo linguístico como um todo, permaneça em constante evolução. Ao pronunciar um enunciado, somos diretamente remetidos ao ato comunicativo, o qual o homem detém e utiliza com seus semelhantes.

O ato de comunicar-se não evidencia de imediato um vislumbre de toda a estrutura e todas as ligações cometidas e utilizadas como referência pelo usuário que profere suas palavras. Porém, ao observar minuciosamente, abre-se um leque de opções que podem ser adotadas como objetos de estudos, derivados do processo de interação verbal.

A riqueza atribuída a um estudo linguístico, pautado na troca de palavras elencadas, organizadas em estruturas bem definidas, carregadas de simbolismo e devidamente contextualizada significa expor através do meio teórico, cada uma das tais nuances que ocupam espaço nas entrelinhas dos textos.

Abordar tais conhecimentos de maneira satisfatória, requer amplo trabalho que se estende além do que pode ser apenas decodificado. O uso linguístico possui carga simbólica muito marcante entre os usuários, expondo o sujeito que o utiliza, sua escolha de palavras, a entonação e as opiniões que surgem na língua, evidenciam o ser cultural/social externalizado como o "eu" ideológico¹ presente em um determinado contexto de fala.

¹ **Noção de letramento e o contexto de utilização da fala:** “Nesses estudos argumenta-se que os letramentos, vistos como práticas sociais, necessitam ser melhor entendidos nos seus contextos sociais e históricos; são fruto de relações de poder; servem a propósitos sociais na construção e troca de significados; formatam e são formatados pela cultura; sofrem interferência de posições ideológicas [...] A valorização dos usos da leitura e da escrita como práticas sociais por oposição à compreensão do letramento visto como um modelo autônomo e homogeneizante, encapsulado unicamente no processo de escolarização que enfatiza o ler e o escrever como uma habilidade, deu lugar à compreensão de um novo conceito, de natureza plural – letramentos. (OLIVEIRA,2010, p. 329).

Sendo assim, levando em consideração a complexidade envolta nas entrelinhas do uso linguístico, destaca-se também, os mecanismos utilizados para que haja agora, a decodificação/compreensão das mensagens proferidas nos diversos contextos, de maneira satisfatória.

Ao comunicar, imagina-se uma via de mão dupla, tendo o falante e o ouvinte que alternarem de posição à medida em que o diálogo avança, então, temos uma troca de "favores" entre os sujeitos, pois, ambos pretendem se fazer compreender. Para isso, os sujeitos fazem uso dos tais mecanismos presentes na situação e em seus próprios repertórios adquiridos ao longo de suas vivências. (BAKHTIN, 2009).

Isso promove uma busca de pontos de referência que estão espalhados no meio (externos ou internos ao sujeito) que irão desencadear o processo de conversação. Essa breve explicação pautada em conceitos e ideias atribuídas a alguns dos nomes presentes nos estudos linguísticos (BAKHTIN, 2009; VYGOTSKY, 1987; SAUSURRE, 2004) faz-nos admitir o caráter científico, no qual, a pesquisa sobre a funcionalidade da língua enquanto ferramenta de interação social tem conquistado, levando em consideração classes, gêneros, sujeito e meio/contexto.

O pesquisador ao assumir o campo linguístico como laboratório do seu estudo, deve, inicialmente, considerar as mais variadas vertentes que podem ser seguidas (escrita, leitura, discurso, interação, interpretação etc.) sendo pelo meio acadêmico determinado o grau de especificidade que deve compor o rumo da pesquisa.

Levando em consideração este fato, é importante considerar que parte das vertentes são co-dependentes, tendo, então, de ser guiado por um objetivo central, contando com o apoio de outras áreas que compõem o estudo linguístico. Sendo assim, ao trabalhar a compreensão, buscando entender quais mecanismos são acionados para que haja a interpretação de uma determinada informação na qual o sujeito foi exposto, abrange-se além do que entendemos como uma troca de mensagens, sejam elas escritas ou faladas.

O ato de interpretar, por exemplo, envolve questões relacionadas ao próprio sujeito, desde seu grau de escolaridade até questões que irão além do ambiente acadêmico. Contudo, para que haja a devida compreensão do que foi lido, ou seja, para que ocorra a interpretação de maneira satisfatória, o sujeito

necessita fazer ligações cognitivas e sociais, muito mais amplas e complexas, do que apenas juntar algumas sílabas e palavras que formam uma oração.

Tais ligações comportam valores sociais e de vivência em determinado contexto, o que gera um repertório que servirá de ponte entre informações distintas, porém, próximas. Por exemplo: ao explorar um determinado contexto através de um texto, faz-se necessário que o indivíduo que terá acesso aos ditos escolhidos, possua um devido conhecimento prévio sobre o tema abordado, conquistado através de suas próprias vivências inserido naquele mesmo contexto. Isso resultará em um processamento de informações efetivo, pois, as informações expostas fazem referência direta com os conhecimentos prévios do sujeito em questão (KOCH; ELIAS, 2008).

Além dos conhecimentos de mundo, aos quais, o sujeito está exposto, por pertencer em determinado contexto, leva-se em consideração os conhecimentos linguísticos que são lapidados desde os anos iniciais da vida acadêmica, começado com o processo de alfabetização até o estágio de letramento. Uma vez letrado, espera-se que o leitor seja capaz de compreender conceitos linguísticos mais aprofundados e específicos, que se fazem necessários também, para o processo de interpretação e entendimento do modo funcional da língua.

Mas o que seriam “conceitos mais aprofundados”? Seriam mecanismos linguísticos que compõem a estrutura da língua, podendo, inclusive, serem divididos em “seções” para uma melhor compreensão. Cada seção remonta a um aspecto do uso ou da composição da língua enquanto estrutura complexa como, a fonética e a fonologia, a morfologia, a sintaxe, a semântica e pragmática.

Para iniciar a busca em compreender quais mecanismos são acionados em tarefas linguísticas que levam ao ato de interpretar, de maneira geral deve-se começar pela seção que abrange aspectos linguísticos referentes a adição de sentido presentes nos ditos, destacando-se assim, a semântica e a pragmática. Ao referir-se à semântica, destacamos a funcionalidade principal, no que diz respeito ao ato de ler e gerar sentido, por ser nesta “seção” que encontramos o componente linguístico responsável pela categorização da interpretação inerente ao conteúdo do texto.

Já na pragmática, encontramos o que está além do texto, levando em consideração o contexto ou uma situação propriamente dita. O “fazer pragmático” diz respeito ao fazer-se compreender por meio não somente das palavras, mas também, do contexto que apoia o que foi posto linguisticamente. Compreende-se aqui, por meio da situação ilustrada, que cada dito proferido possui uma intencionalidade que condiz com a situação. Exemplo: Ao dizer “A porta está aberta!”. A depender do contexto, essa oração passará a adquirir diferentes significados. (LEVINSON, 2007).

Porém, as orações por si só, possuem cargas de significado, mas existem outros mecanismos linguísticos que proporcionam adição de sentidos e que, junto a outros meios de expressão (físicos, gestuais, sonoros, entre outros), se fazem muito presentes em grande parte da função comunicativa. Dentre tais mecanismos, encontramos as figuras de linguagem.

Trabalhar com as figuras de linguagem tornou-se uma inquietação particular no momento em que a ação de ministrar aulas em turmas de primeiro ano do Ensino Médio no Instituto Federal de Alagoas (IFAL), campus Arapiraca, como parte da disciplina de Estágio de Docência II. Esta disciplina é um componente obrigatório do curso de Licenciatura em Letras Português da mesma instituição.

Ao trabalharmos com as figuras de linguagem na turma de primeiro ano do Ensino Médio, percebemos que pairava uma dúvida constante ligada ao assunto, esse fator gerava problemas no momento de resolução de atividades pautadas no conteúdo que estava sendo trabalhado, pondo em evidência a dificuldade em compreender determinados usos dele no texto.

Adotando as competências necessárias para trabalhar e exemplificar cada conceito determinado para cada uma das figuras de linguagem que são contempladas como assunto da grade curricular de língua portuguesa do primeiro ano do Ensino Médio, notamos que ao abordar em específico a figura de linguagem conhecida como "ironia", os alunos não conseguem compreender todas as nuances proporcionadas ao texto por esta figura.

Quando os alunos eram convidados a responder atividades que continham questões que abordavam o uso de ironia em textos e em tirinhas, que geralmente contém tons humorísticos, eles conseguiam fazer uma leitura rápida e compreendiam parcialmente o conteúdo, porém quando questionados

diretamente sobre quais pontos eles ligaram para acharem a significação, eles não sabiam responder.

Questões como: O que a tirinha utiliza para gerar o humor? O uso irônico ocorre por meio de uma figura de linguagem? O que é necessário para um texto ser considerado humorístico? Existe ironia sem humor ou humor sem ironia? Quais diferenças podemos destacar entre a ironia e o humor?".

A partir de tais questionamentos, percebemos que existem lacunas a serem preenchidas ao tratar-se de usos específicos das figuras de linguagem que estavam contidas nas atividades, com foco maior em ironia e em humor. Estas figuras de linguagem dependem fortemente de apelo contextual que só pode ser compreendido partindo de interpretações que vão além da extração do signo² e de sua decodificação. O problema se instaura a partir do momento em que o aluno não consegue identificar ao menos o caminho utilizado por si mesmo no processo de interpretação, que mesmo sendo efetuado rapidamente, não consegue ser compreendido ou justificado.

Tendo somente o conceito apresentado por ambas as figuras de linguagem, torna-se dificultoso o ato de compreender onde ocorrem referências que são capazes de possuir diferentes significações mediante ao uso das duas figuras em um determinado contexto. Justamente por se tratar de figuras que não delimitam seus espaços, ou melhor, não os deixam em evidência perante algumas situações, nas quais elas se complementam.

Temos, portanto, como objetivo deste trabalho, averiguar a desenvoltura de alunos do primeiro ano do Ensino Médio do IFAL, *campus* Arapiraca, quando convidados a reconhecer as figuras de linguagem, especificamente a ironia, o sarcasmo e humor.

Buscamos tal investigação por acreditarmos que as figuras de linguagem são acessórios linguísticos disponíveis aos usuários da língua, para expressarem de maneira mais enfática, quaisquer que sejam as mensagens que queiram proferir. E, assim, acreditamos que poderemos dar mais um passo

² **Signo:** "O signo lingüístico, segundo Saussure (1969, p.80), "une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica". Por meio dessa definição, verificamos que o signo é uma entidade psíquica de duas faces: o conceito e a imagem acústica. A primeira refere-se à imagem mental, ao referente que temos para designar o signo e a segunda refere-se à seqüência fônica que utilizamos para designar o signo." (DECIAN, MÉA, 2005, p. 97)

em nosso crescimento acadêmico além de colaborar com a discussão acerca de como a compreensão de alguns dos fatores expostos, ocorrem..

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fim de aprofundarmos a discussão acerca do assunto de nosso trabalho, a saber, como as pessoas compreendem as figuras de linguagem de ironia e humor, durante a leitura de textos em língua portuguesa, faz-se necessário recorrer a autores que norteiam nossa pesquisa no que está relacionado à leitura e compreensão de textos, bem como sobre as figuras de linguagem por nós pesquisadas.

2.1. O que é leitura?

Assumimos, neste trabalho, o conceito de texto como uma construção linguística que comporta o código/língua, que desempenha a função de disseminar uma mensagem, porém, ele não se resume apenas a palavras. Entendemos o texto como um modo de espalhar informações, e isso adiciona a categoria “não verbal”³, pois ela possui carga de significação. Ao possuir informações inerentes a figura, a compreendemos como sendo texto.

Qualquer que seja a mensagem, sendo ela verbal ou não, entendemos que, enquanto texto, há, na mensagem um ato comunicativo com alto teor social. Ao escrever determinada informação, pressupõe-se uma situação, a qual será associada à mensagem que irá corresponder, isto é, há a ideia de que um potencial público alvo terá acesso às informações escritas ou transmitidas através da imagem disponibilizada, sendo necessário, pois, compreendê-las.

³ “Definidos, respectivamente, os termos significado e significação como sentido genérico da língua e sentido específico do discurso, verifica-se a presença das duas definições sacramentando as relações de produção de sentido estabelecidas entre o verbal e o não verbal. O estudo dessas relações abre margem para o exame de todo um caleidoscópio de imagens internas e externas que povoam nosso cotidiano de falantes e de leitores da língua manifestada nas malhas discursivas. Há a palavra dando sentido ao sentido da imagem. Há a imagem ilustrando o peso da palavra. Há o texto harmonizando palavra e imagem. Há o discurso absorvendo palavra, imagem, texto.” (GUIMARÃES, 2013. p. 134).

O ato de escrever sobre determinados assuntos, corresponde a diversos mecanismos que também são acionados ao efetuar a leitura. Isto ocorre, pois, o autor comunica a alguém, fazendo uso da devida contextualização, que bebe de fontes externas a ele próprio, seu conhecimento de mundo, suas capacitações, seus estudos, sua ideologia, seu contexto em geral, tudo isto que está posto e organizado nas laudas escritas, são direcionadas a um determinado sujeito, presente em um contexto parecido, porém, que busca informações que correspondem à outras áreas sociais. (KOCH,2008).

À medida em que a evolução comunicacional começou a tomar proporções bem definidas, com o surgimento de códigos mais complexos e organizados em estruturas, distanciando-se da mera interpretação de imagens simbólicas, adquiriu-se a necessidade de trabalhar a compreensão de tais códigos, que agora possuem sentidos mais amplos no tocante à possibilidade de transmitir informações com maior eficácia e volume.

De modo geral, podemos dizer que há textos que lemos porque queremos nos manter informados (jornais, revistas); há outros textos que lemos para realizar trabalhos acadêmicos (dissertações, teses, livros, periódicos científicos); há, ainda, outros textos cuja leitura é realizada por prazer, puro deleite (poemas, contos, romances); e, nessa lista, não podemos nos esquecer dos textos que lemos para consulta (dicionários, catálogos), dos que somos "obrigados" a ler de vez em quando (manuais, bulas), dos que nos caem em mãos (panfletos) ou nos são apresentados aos olhos (outdoors, cartazes, faixas). São, pois, os objetivos do leitor que nortearão o modo de leitura, em mais tempo ou em menos tempo; com mais atenção ou com menos atenção; com maior interação ou com menor interação, enfim. (KOCH, 2008).

Adentramos, assim, na leitura e seus mecanismos que compõem o processo interacional que envolve o ato de ler. A visão expressa do que se trata o ato de ler e compreender textos, perpassa o âmbito dos participantes que fazem parte do processo de decodificação das ideias esboçadas nas páginas dos livros. Para entender a trajetória destes "passos", da decodificação do código linguístico até a interpretação efetuada de maneira satisfatória, devemos atentar aos participantes que assumem papéis ativos perante o ato de ler e compreender informações.

Entendendo a leitura como atividade de decodificação, o autor isola o texto de seu público, sendo a escrita o meio usado para perpetuar uma ideia,

além de ser por meio dela que se compartilham saberes que serão consumidos, por leitores do texto recebido. Ao pensar nisso, estabelecemos o primeiro participante do processo de leitura: o autor.

Partindo para o âmbito textual, temos a ideia como o texto a ser consumido pelo público. Antes de mais nada, assumimos a concepção de que o texto não é absoluto, isto é, as ideias expressas pelo autor não estabelecem uma linha de raciocínio imutável. Pelo contrário, para que o ato de decodificar venha atrelado a interpretação de alguma ideia, o sujeito que tem acesso ao conteúdo por meio do texto, deve mediar sua interação com o que está posto, tornando-se, assim, o outro agente do processo. É nessa troca entre texto e leitor que se encontra o que se entende por leitor eficaz (KOCH, 2008).

A construção de sentido, refere-se à interpretação efetuada através da leitura, e ocasionada através da bagagem intelectual do leitor, das competências que ele adquiriu com o passar do tempo e do conhecimento prévio que ele possui sobre o assunto. Leva-se em conta, portanto, que o leitor possui a devida capacidade de firmar uma interação satisfatória com o conteúdo, podendo discordar, opinar sobre e/ou criticar. Assim, contradizendo uma das características reproduzidas erroneamente, referente ao papel do leitor, pois, ele passa a não ser um agente passivo do processo.

Por se tratar de uma troca, assim como o autor deve entender o público, para o qual ele vai direcionar sua obra, o leitor também deve possuir entendimento acerca não só da obra, mas, também, do contexto que permeia o autor que a escreveu (KOCH, 2008). Por conta disto, devemos levar em consideração alguns mecanismos textuais que estão envolvidos, direta ou indiretamente, no processo de leitura compreensiva.

2.2 Mecanismos envolvidos na leitura

Ao levar em consideração todo o processo que corresponde ao ato de ler, desde a decodificação do código linguístico até desencadear a atribuição de sentido perante ao que foi lido, podemos reparar que existem mecanismos que fazem ligações entre si e que corroboram para a compreensão da informação, a qual o leitor foi exposto.

Tais mecanismos se distinguem entre si à medida que o processo cognitivo é iniciado. A leitura desencadeia um processo de busca interna, que consiste em firmar relações entre o arcabouço de informações prévias, que foram adquiridas pelo sujeito no percorrer de sua vivência, com as informações que estão sendo decodificadas e analisadas de maneira repentina, durante a atividade de leitura. Portanto, o desenvolvimento de inferências ocorre entre o que está posto no meio externo ao sujeito/leitor, neste caso o texto, e o que está interno a ele.

Tratando-se de mecanismos que correspondem ao ato de interpretar, podemos abranger os processos que correspondem às entrelinhas postas entre ler, gerar sentido, e por fim, compreender o real significado da informação. Isto porque tais fatores estão relacionados ao desempenhar da função inicial, que é buscar referências com o que está sendo lido. Ao fazer isto, o viés social ascende e as pontes firmadas entre o leitor e o texto são estabelecidas.

Feito isso, o segundo processo se inicia, desta vez, abrangendo o contexto, ao qual o texto o insere. Cada informação está direcionada a uma área específica que pretende comunicar, sendo assim, o leitor direciona seu olhar para o meio externo, fazendo uma mescla entre as informações recém-adquiridas, seus conhecimentos prévios e o contexto ou situação palpável, a qual o texto faz referência⁴.

Ao efetuar essa mescla, o processo de compreensão toma início, e os diferentes mecanismos internos/cognitivos e externos exercem seus papéis, possibilitando que o sujeito realize junções que viabilizam a interpretação. O

⁴ **Cabível à noção de gênero textual:** “Em face da sua complexidade, prevê-se que o gênero textual nem “é um tipo de texto nem um tipo de situação. Antes, constitui-se numa relação funcional entre texto e contexto, ou seja, entre um tipo de texto e uma situação retórica” (COE, 2002, p. 197).

texto interage com o leitor, por meio de uma abordagem contextualizada e familiar, o que estreita as relações dos saberes expostos pelo texto, com os do sujeito. A compreensão parte do pressuposto de que o leitor conseguiu identificar características familiares no texto, estabelecendo vínculos entre ele e a informação, gerando novos conhecimentos a partir destas relações. (KOCH,2008).

Considerando que a leitura eficaz, ou seja, aquela que considera a troca de conhecimentos entre o leitor e o texto lido, envolve diversos mecanismos linguísticos, tais como a intertextualidade e os mais diversos tipos de conhecimento, traz consigo uma gama de informações que estão sujeitas a firmes relações entre si, compreende-se o processo de interação entre os conteúdos que dialogam.

Entendendo intertextualidade como a capacidade de um texto dialogar com outro, em um sentido dialógico (BAKHTIN, 2009), podemos encontrá-la nos textos de maneira explícita ou implícita. A primeira ocorre quando ideias advindas de outros textos, ou mesmo que foram inspirados em escritas de terceiros e que fazem referências entre si, emergem na superfície do texto.

A intertextualidade explícita ocorre quando há citação da fonte do intertexto, como acontece nos discursos relatados, nas citações e referências; nos resumos, resenhas e traduções; nas retomadas de textos de parceiro para encadear sobre ele ou questioná-lo na conversação. (KOCH, 2008. p. 87).

Assim, a intertextualidade se torna explícita, pois um determinado texto utiliza o nome de sua fonte em meio a produção. Por outro lado, temos o segundo tipo, a intertextualidade implícita, que ocorre por meio de ideias inerentes ao texto, que foram captadas de fontes externas e que cabe ao leitor que as reconheça entre o texto e consiga identificar a fonte externa utilizada naquela produção.

Diferentemente da primeira, as referências não estão postas em evidência, fazendo o uso direto de outro texto, apenas algumas ideias, e exige do repertório do leitor para que ocorra a devida compreensão do sentido que quer ser passado através da ideia advinda de outra produção. Cabe ao

repertório do leitor identificar a ideia presente naquele texto que faz referência ao outro, sem apoiar-se em citações diretas.

Do que dissemos até o momento, podemos depreender que, stricti sensu, a intertextualidade ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade. Como vemos, a intertextualidade é elemento constituinte e constitutivo do processo de escrita/leitura e compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende de conhecimentos de outros textos por parte dos interlocutores [...]. (KOCH, 2008. p. 86).

Outros mecanismos envolvidos na compreensão do texto são os mais variados tipos de conhecimento, como os de mundo, os prévios e os linguísticos.

Os conhecimentos de mundo que são geralmente retomados para que ocorra a compreensão prevista ao efetuar o ato de comunicar, tratam-se de memórias que são fixadas em um repertório cognitivo a partir da vivência do sujeito e das situações, nas quais geram aprendizados.

Esse tipo de conhecimento “refere-se a conhecimentos gerais sobre o mundo - uma espécie de *thesaurus*⁵ mental - bem como conhecimentos alusivos a vivências pessoais e eventos espaço-temporalmente situados, permitindo a produção de sentidos.” KOCH (2008).

Assim, para que de fato haja a troca de informações de maneira satisfatória, faz-se necessário o uso de conhecimentos pré-estabelecidos a respeito do assunto tratado mediante a situação, na qual se exige determinado conhecimento. Através dos conhecimentos de mundo, cria-se um bojo de informações, porém é necessário mediar as referências de acordo com seu uso previsto, ou seja, ocorre a pré-seleção dos temas referentes ao ato comunicacional que será efetivado. Dessa maneira, tornando-se capaz de estabelecer vínculos, agregando ao assunto e enriquecendo a interação, seja ela entre sujeitos em um ato comunicacional ou um leitor com seu livro.

⁵ Significado de **thesaurus**: “**Tesouro**”.

O conhecimento comunicacional diz respeito à (i) quantidade de informação necessária, numa situação comunicativa concreta, para que o parceiro seja capaz de reconstruir o objetivo da produção do texto; (ii) seleção da variante linguística adequada a cada situação de interação; (iii) adequação do gênero textual à situação comunicativa. (KOCH, 2008, p. 50).

Já no que diz respeito às questões linguísticas, foca-se nos princípios de coesão e de coerência a nível textual por serem conceitos que permanecem e limitam-se na estrutura do texto em si. A coesão delimita a estrutura do texto através do uso gramatical, permitindo que a produção siga uma linha tênue do início ao fim, sem cometer desvios que iriam comprometer o entendimento do texto e na organização/disposição das ideias.

Já a coerência é constituída a partir do texto, pois ela não se encontra presente na estrutura do próprio, ou seja, o conceito de coerência está além do texto, abarcando a ideia constituída através dele.

(...) as marcas de coesão encontram-se no texto ("tecem o tecido do texto"), enquanto a coerência não se encontra no texto, mas constrói-se a partir dele, em dada situação comunicativa, com base em uma série de fatores de ordem semântica, cognitiva, pragmática e interacional. (...) porque a coerência não está no texto, mas é construída pelo leitor com base em seus conhecimentos e na materialidade linguística do texto. (KOCH, 2008, p. 186-187)

Além de questões ligadas à coesão e à coerência, outras questões linguísticas emergem durante o processo de leitura eficaz, como é o caso das figuras de linguagem.

2.3. O humor e a ironia

As figuras de linguagem, quando presentes em textos, requerem do leitor muitos conhecimentos envolvidos, mas, sobretudo, a capacidade do leitor de entender o que está para além do que está linguisticamente posto.

Tomaremos como exemplo, uma das figuras de linguagem mais comuns, inclusive na fala: a hipérbole.

A hipérbole consiste na adição de significado, de maneira que o sentido original fica aumentado, sendo notório que o usuário da língua busca exagerar sua intenção comunicativa. Vejamos que no texto *Deve estar uns 1000° graus hoje. Que calor!* notamos o exagero no que foi dito, o que determina o seu uso, pois o usuário da língua utiliza palavras que tornam o sentido absurdo, maximizando o valor da informação.

Porém, existem figuras que demandam mais de aspectos extralinguísticos, para gerarem sentidos, desenvolvendo problemas de compreensão, como é o caso de textos nos quais se encontra a figura de linguagem conhecida como ironia.

A ironia consiste em gerar sentido ou apontar determinado aspecto, fazendo uso da contradição, pois ela evidencia o contrário, para enaltecer o real, gerando sentido. Esse fator quando utilizado sem possuir um determinado contexto, ou mesmo, expresso com uma entonação comum e sem o auxílio de expressões faciais e gestos, pode gerar sentidos contrários a intenção inicial do interlocutor.

Por possuir essa característica que destoa com a realidade, que brinca com a contradição e gera sentidos diversos, a veia humorística (a depender do contexto, principalmente) adota o tom sarcástico, gerado através da ironia, como recurso cômico.

A ironia, juntamente com as noções do exagero e da comparação (uma outra figura de linguagem) possuem cargas de sentido e significados muito marcantes que, quando utilizadas de maneira harmônica com situações diversas, às quais os sujeitos estão expostos, geram o humor.

“A partir da observação da estrutura comunicativa da obra literária, reflete-se sobre a literatura como campo propício para o fingimento e, portanto, para a ironia e o humor, considerando-se que, na primeira, representam-se vozes narrativas que, impulsionadas pelo desejo de significação, fingem dominar a linguagem; no segundo, reduplica-se o fingimento e revelam-se as artimanhas de construção textual, em que o jogo literário desvincula-se de que questões pragmáticas, explicitando o seu caráter de arte ludicamente liberta o homem do jugo de sua condição humana.” (DUARTE, 2006, p.54).

Pode-se notar um vínculo expressivo entre os dois conceitos, porém o valor pragmático faz-se necessário para a composição e para a inserção do sujeito interpretante, ao desvincular a significação expressa pelo texto, do contexto geral/pragmático, o valor da informação sofre um *déficit*. O caráter lúdico/artístico descrito é dependente do contexto para gerar sentido e ter uma pauta familiar a quem o consome.

A busca pela compreensão através de uma interpretação considerada satisfatória, é algo que demanda devidos cuidados, pois, essa área é permeada por diversos fatores que podem alterar o resultado do entendimento após a leitura. Fatores esses que podem ser inerentes ao próprio sujeito/leitor ou, simplesmente, podem estar presentes em seu meio, em sua vivência etc.

Ao levar isso em consideração, problemas como os que aqui foram citados, encontramos um empecilho na leitura considerada eficaz, o que desperta a curiosidade em entender o funcionamento do ato de ler, interpretar e conseguir distinguir conceitos semelhantes que não delimitam uma linha que os separe, o que gera o engajamento necessário para a busca da compreensão de tais limites, mecanismos (cognitivos ou não), conceitos (o humor e a ironia) etc.

Para nós, as figuras de linguagem são artifícios linguísticos utilizados para adicionar ou maximizar sentidos perante o uso, seja ele na escrita ou na fala. São recursos valiosos no que dizem respeito à produção de sentidos e valores de significação, pois acarretam significados distintos às informações que estão sendo passadas.

O valor de significação demonstrado pela língua, perante um contexto de comunicação, irá expor a capacidade de firmar relações entre informações que estão postas entre o ciclo de diálogo estabelecido pelos indivíduos. O que estabelece tais valores são os significados atribuídos e difundidos entre os usuários da língua (BAKHTIN, 2009). Sendo assim, torna-se uma interação maleável no que diz respeito à formulação de sentidos por meio da adição desses recursos linguísticos durante o uso na conversação, leitura e interpretação.

A construção de sentido por meio das figuras de linguagem, muitas vezes depende de aspectos físicos para que ocorra um entendimento satisfatório, pois seu uso, a depender de qual figura seja adotada durante a

construção da sentença, modifica a estrutura justamente para que ocorra a adição de sentido, devido a isto, ela necessita de mecanismos base que evidenciem o seu uso em determinado contexto. Expressões faciais, gestos e entonação, são exemplos desses mecanismos.

A nível de contexto do uso linguístico, como a fala/retórica, o uso das figuras depende de "apoios", dos quais necessitam para firmar significados ao serem utilizadas. Voltando a visão para o uso textual, este é um dos mecanismos diretamente ligados à construção do texto, evidenciando dificuldades ao exercer os mesmos usos, justamente, por perder aspectos físicos, com destaque nas expressões faciais.

Este fator, exige do escritor uma desenvoltura considerável ao buscar fazer usos de alguns desses artifícios, pois, as figuras aqui destacadas destoam do sentido literal para expor a real significação que deseja-se ser trabalhada pelo sujeito que comunica através do texto.

Além de um estado de espírito, o humor baseia-se em muitos aspectos para ser gerado, sendo o principal deles, o contexto, isto porque não é qualquer ambiente que proporciona as condições suficientemente propícias para que ele ocorra. O ato de "fazer humor" demanda de conhecimentos que vão além. "O humor interferindo diretamente sobre a realidade obtém uma vitória sobre ela, uma vingança verbal que preserva o eu de ser aniquilado. Onde se esperava dor e sofrimento eclode o riso. Essa possibilidade de modificar a relação com o sofrimento é o que confere ao humor uma dignidade que falta ao chiste, voltado geralmente para a produção de um efeito prazeroso muitas vezes associado à agressão." (SALLES, 2011. P. 5).

Para gerar o humor, é necessária uma carga simbólica expressiva que flerte com o que é comum, contextual e de conhecimento de todos. O humor depende da capacidade de seu consumidor de compreender referências postas no meio externo e que são maximizadas, ou apenas postas em evidência, através do viés absurdo adotado pela veia humorística que faz uso de temas próximos e acessíveis ao grande público, porém, também podendo ser adaptado.

"Diz Freud (1905/1977) que "para entender uma piada é preciso ser da paróquia" (p.13), isto é, ela não tem efeito em todos os lugares, em

todos os momentos, nem para todas as pessoas, sendo necessários determinados referentes, um código, um acervo comum situado no simbólico, na cultura, para captar o sentido. Assim, o humor cria laço social e apresenta também um aspecto transgressivo e questionador do sentido estabelecido. O humor como efeito de algo dito surge no exato momento em que se está diante de questões limite e repentinamente ocorre um corte, uma criação simbólica súbita, ligada à irrupção de um sentido novo que proporciona “um pequeno ganho de prazer”. Freud ressalta que o humor surge “como um meio de obter prazer apesar dos afetos dolorosos que interferem com ele; atua como um substitutivo para a geração destes afetos, coloca-se no lugar deles” (FREUD, 1905/1977, p. 212). O humor seria uma das “operações psíquicas mais elevadas” (p. 212), “um dom raro e precioso”, que se mostra um “recurso para auferir prazer” (p. 212) diante dos embates da vida e da trágica inevitabilidade da morte. Segundo Freud (FREUD, 1905/1977), o deslocamento humorístico só é possível quando é ofuscada a atenção consciente, como no caso do cômico, e ele está preso à condição de permanecer pré-consciente ou automático.” (SALLES, 2011. p. 1/2).

Por se tratar de um uso linguístico e contextual, o humor demonstra uma face maleável por se adaptar ao público, ao qual será destinado. Existem diferentes situações e diferentes sujeitos, levando em consideração fatores sociais. Indivíduos que não compartilham das mesmas vivências possuem experiências distintas, ou seja, a possibilidade de um mesmo texto produzir significados iguais para os dois públicos é baixa, tratando-se do humor em específico.

“Assim, considerando que as piadas nos fornecem um evidente retrato dos problemas e dos valores de uma sociedade e que o “fenômeno básico do riso é o significado original da agradável sociedade” (FREUD, 1969, p. 141), importa-nos, no exame das seguintes imagens, compreender seu funcionamento de querer-dizer, sendo que “compreender é saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música, etc.) produz sentidos” (ORLANDI, 2001, p. 26).” (MALISKA E SOUZA, 2014. P. 3)

Porém, em toda a sua conjuntura, o viés absurdo adotado pelo humor para gerar efeitos de sentido em qualquer contexto, apoia-se nos mesmos princípios de uso linguístico, aos quais as figuras de linguagem estão associadas. Mecanismos, como: expressões faciais, gestos, dentre outros, ao se tratar de humor e em contexto propício, demonstram uma melhor desenvoltura no que diz respeito a efeitos de sentido, ao alavancarem as figuras para exercerem sua função inicial.

O humor expõe o efeito lúdico gerado por meio do absurdo ao destacar o que há a seu dispor. A nível textual, isto é feito por meio do uso de outras figuras de linguagem, mais especificamente: a ironia e o sarcasmo. Porém, o texto ao adotar para si a face humorística, já estabelece sua função, seu gênero, e isso influencia na maneira, a qual o leitor irá se debruçar para a leitura, pois ao inteirar o leitor sobre sua abordagem cômica, o sujeito concebe em seu raciocínio uma visão distinta da comum que é utilizada ao ler um texto que não siga a linha do humor, o que altera o valor simbólico e de significação do conteúdo, sendo assim, as figuras utilizadas ganham valor adicional.

“Assim, o humor não está restrito a um tipo determinado de texto, a um tipo específico de discurso; o humor é um efeito de sentido que se inscreve numa determinada formação discursiva, em determinada condição de produção; é um efeito de sentido. E enquanto efeito de sentido, o humor origina-se de um encadeamento de desconstrução de sentidos da própria linguagem. Esse encadeamento faz surgir muitas estratégias, através das quais os sentidos são conduzidos. Entre tais estratégias, podemos citar a ironia. Essa, a ironia, também é concebida como um processo de desconstrução do sentido, que desequilibra o institucionalizado, assinala uma fenda com aquilo que se depreende sólido e coerente no discurso legitimado. Nesse sentido, Orlandi (1983) explica que é por meio da ruptura que a autodestruição do sentido se instala, e desencadeia-se um processo de significação que coloca em funcionamento o discurso sobre o discurso e o discurso que evoca outro, como a ironia, a alusão, a citação, consolidando com isso o deslocamento dos processos de significação instalados previamente.” (MALISKA E SOUZA, 2014. P. 2)

A ironia é a figura de linguagem que dá ao humor o princípio da contradição, pois ela destoa do sentido literal imposto pela construção do uso linguístico comum. Um uso irônico, enquanto fala, depende justamente, dos mecanismos extra que possibilitam um melhor entendimento por parte de quem está exposto à informação.

“Se a ironia funciona como estratégia em busca do poder, I ou volta-se, na sátira, para o que foi desvirtuado em relação a uma expectativa previamente estabelecida, criticando um desvio das normas, o humor revela-se como consciência de elaboração do texto, ou apresenta-se como exibição de uma criatividade auto-consciente que aparentemente ignora as normas e cria armadilhas para o leitor, de cuja capacidade de aceitação desse jogo depende a compreensão e apreciação do texto recebido.” (DUARTE, 1994. p. 73)

Porém, seu teor contraditório, enquanto texto, ao expressar o contrário para expor o real sentido do que quer comunicar, gera interpretações ambíguas, o que para o absurdo e o lúdico, é um fator assertivo, levando em consideração a abordagem humorística, porém, enquanto uso comum, sem o auxílio de artifícios para apoiar a fala, pode gerar confusões ao buscar fazer-se compreender.

“[...] a ironia pode ser enfrentada como um discurso que através de mecanismos dialógicos oferece-se basicamente como argumentação indireta e indiretamente estruturada, como paradoxo argumentativo, como afrontamento de ideias e de normas institucionais, como a instauração da polêmica ou mesmo como estratégia defensiva” (BRAIT, 1996).

Esse fator acarreta algumas singularidades ao uso dessa figura de linguagem, justamente por ela ser dependente de fatores com princípios contextuais que dizem respeito ao local de fala, no qual algum dito que possua valores que se opõem é proferido. Ao destacar um local/comunidade de fala, podemos atribuir uma compreensão macro, que abrange toda a construção

social, ou podemos reduzir o laboratório de observação do emprego da figura em áreas mínimas em proporção, como exemplo, a sala de aula.

Ao adotar a situação encontrada na sala de aula, onde a comunidade de fala é reduzida e ambos conhecem as condutas dos sujeitos presentes ali, torna-se menos complicado distinguir usos irônicos pautados naquelas relações linguísticas efetivadas pelos alunos enquanto participantes ativos do processo de comunicação.

O que isso significa? Para uma melhor compreensão, tomemos como exemplo a situação a seguir: O professor questiona a todos os alunos presentes na sala em um momento de descontração, se a garota “X” era uma boa aluna, isto fazendo uso de um tom irônico empregado na voz, e os alunos por sua vez, respondem: “sim, professor! Uma ótima aluna!”; também fazendo o uso do tom irônico que enaltece o sentido contrário do que foi dito por eles, significando que ela não era.

Através disso, nota-se o apelo externo exigido para que haja a compreensão do real valor que quer ser passado através da fala e do uso da figura, mas além disso, destaca a dependência de um contexto onde as referências estão postas e os sujeitos as compreendem com veemência suficiente para apontar onde há a oposição em que a ironia se apoia para gerar sentido. Então, através do tom utilizado, da captação das referências e de uma comunidade de fala bem estabelecida, os valores empregados através da utilização da figura de linguagem podem ser compreendidos.

Isso fica claro quando alguém que está fora daquele contexto não compreende o real significado do que foi dito. Voltando à situação destacada, durante a resposta dos alunos, alguém não pertencente àquela classe entrou e os ouviu dizer “sim, professor! Uma ótima aluna!”; curiosa, a pessoa questionaria e a situação se repetiria, porém ela não iria deter a mesma compreensão, pois ela não possui as devidas referências daquele contexto ou daquela sala, logo seu entendimento seria literal, admitindo que a garota seria realmente uma boa aluna.

“Tradicionalmente define-se a ironia como a figura de retórica em que se diz o contrário do que se diz, o que implica no reconhecimento da potencialidade de mentira implícita na linguagem. E embora varie,

conforme a época, a percepção do mundo como balanço entre verdade/falsidade, a estratégia da ironia será basicamente a de falar por antífrases, principalmente se ampliado o conceito de "contrário" para "diferente" e se se considerar que a ironia "expressa" muito mais do que diz." (DUARTE, 1994. P. 2)

É necessário ainda o comentário de que há uma figura de linguagem muito próxima da ironia: o sarcasmo.

Quando analisada a figura de linguagem do sarcasmo com relação à ironia, percebemos a característica contraditória existente na ironia, porém, seu valor simbólico referente ao uso, possui ênfase no fator malicioso, ofensivo, que também pode ser atribuído ao humor, porém, em contextos justificados. Isto porque, por se tratar de figuras diferentes, mas complementares em algumas ocasiões, levando em consideração seu contexto de uso, tanto a ironia quanto o sarcasmo são mecanismos muito presentes na construção humorística.

A característica "maleável" do humor, abre espaço para diversos assuntos em pauta na contemporaneidade, o que possibilita seu uso crítico, que tem como base destacar fatores sórdidos de determinado assunto e construir uma narrativa lúdica para expor por meio da contradição e da acidez que o sarcasmo proporciona, temas que a comunidade compreende como importante.

[...] “Por humor agressivo, entendemos 'rir de' alguém, isto é, ver a outra pessoa como um oponente ou adversário. Tipos de humor como sarcasmo ou hipercompreensão⁴ (BRÔNE, 2008) tomam explicitamente como alvo uma vítima e estão ligados diretamente a sentimentos de superioridade. Não se pode ser agressivo com uma árvore, nem se pode ofendê-la, afirma Attardo (2002). Zabalbeascoa (2005, p. 196) sugere que se pode, no entanto, abertamente tomar árvores como alvo, ou instituições, ambientalistas, autoridades locais etc. Tais mecanismos, de acordo com Perks (2012, p. 129), não são (sempre) utilizados para entreter uma audiência, mas também para “demonstrar a astúcia do falante”. Rir é vencer, e indivíduos, grupos sociais, ideologias políticas, práticas ou crenças comuns e instituições tornam-se alvos a fim de que o divertimento possa ser obtido por

meio da difamação (FREUD, 1989; ZABALBEASCOA, 2005; FERGUSON & FORD, 2008).” (TABACARU, 2015. P. 117)

Ambas as figuras possuem características parecidas, e desempenham usos destacáveis dentro o bojo do que o humor utiliza para gerar seus significados. Essa proximidade, tratando-se do texto em si, corresponde a problemas de interpretação quando, diferentemente daqui exposto, o teor humorístico não aparece em destaque, apenas os usos descritos, soltos e cabíveis de interpretações.

3. METODOLOGIA

Nesta seção, apresentamos a metodologia adotada para a realização desta pesquisa, bem como a análise do material estudado e a discussão acerca do que encontramos como resultado.

3.1. Métodos de abordagem

A princípio, ao adotar o viés conteudista/teórico esperado para a formulação e referenciação da base teórica, a pesquisa iniciou-se com a abordagem *qualitativa*, que em suma, trabalha em cima do aporte teórico gerado mediante aos conteúdos estabelecidos como relevantes em meio ao processo de aquisição do portfólio de leituras prévias, ou seja, como afirma Brandão (2001):

“A pesquisa qualitativa (...) está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.), em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa” (BRANDÃO, 2001, p.13)

Porém, a pesquisa também adota o princípio *quantitativo* ao se debruçar na análise dos dados/materiais adquiridos por meio da disponibilização de

atividades com o intuito de proporcionar uma visão prática da tese difundida neste estudo.

3.2. Métodos de procedimento

A divisão de etapas, inicialmente, partindo das leituras previamente estabelecidas e que foram disponibilizadas de maneira cadenciada levando em consideração o conteúdo, exemplo: Humor; figuras de linguagem; leitura e mecanismos de interpretação;etc. Ao angariar um volume considerável de leituras e produções derivadas delas (resumos), iniciou-se a escrita.

Levando em consideração a necessidade de formular argumentos que correspondem às referências destacadas em meio ao texto. O trabalho foi dividido de acordo com a sequência de leituras, essa configuração desencadeia uma “cascata” onde os conteúdos se complementam.

Após a fundamentação, a qual esmiúça e trabalha a problemática, o estudo assume o teor prático, por meio da pesquisa de campo⁶ que consiste na disponibilização de atividades com questões pautadas no uso das figuras de linguagem destacadas na pesquisa. As questões possuíam um apelo cômico, no qual destacava a ironia e o sarcasmo presentes nas estruturas e nas propostas de cada enunciado.

Por fim, a análise dos resultados seguiu um processo à parte, no qual consistiu em comparar o desempenho dos alunos dos diferentes anos do ensino médio, levando em consideração seus conhecimentos no que diz respeito à leitura, interpretação e figuras de linguagem.

⁶ **Pesquisa de campo:** “A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...]. (GONÇALVES, 2001, p. 67).

3.3. Tipo de pesquisa

Buscando classificar de maneira correta o presente trabalho de pesquisa, nos apoiamos em conceitos estabelecidos e trabalhados por autores que possuem uma base teórica sólida sobre os processos que constituem o alicerce metodológico do âmbito científico que engloba a pesquisa acadêmica. Com base nas características que o texto desempenha ao angariar conteúdos e materiais para análise, pode-se impor uma nomenclatura que diz respeito diretamente aos meios utilizados para a arrecadação dos recursos teóricos e analíticos que correspondem ao corpo do trabalho científico.

" É sabido que toda e qualquer classificação se faz mediante algum critério. Com relação às pesquisas, é usual a classificação com base em seus objetivos gerais. Assim, é possível classificar as pesquisas em três grandes grupos: exploratórias, descritivas e explicativas." (GIL, 2002, P. 41).

Dentre as 3 classificações que o autor destaca, uma em específico bate com as especificidades expostas pelo presente trabalho de pesquisa, porém apoia-se em conceitos que também são acionados em meio a pesquisa descritiva, se complementando. A pesquisa explicativa, se debruça na tentativa de identificar fatores que podem influenciar na ocorrência de algum fator, ou seja, ocorre o levantamento de hipóteses. GIL (2002)

Para que ocorra a análise dos dados, destacamos procedimentos técnicos que também expõem a identidade da pesquisa vigente. Neste trabalho, sua estrutura está voltada para uma abordagem, na qual apropria-se de conceitos advindos do estudo de campo e dos estudos de caso.

O estudo de campo, segundo GIL (2002) "tipicamente, o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana.". Essa pesquisa ocorre através da participação ativa do pesquisador no ambiente onde se sucede o estudo, podendo, através disso, coletar interpretações e levantar hipóteses perante o objeto da pesquisa que está ocorrendo. Neste caso, o âmbito da sala de aula torna-se o laboratório.

Já o estudo de caso, ainda segundo GIL (2002) possui um viés metodológico flexível, o que abre espaço para o uso errôneo e indiscriminado, porém com base em seus conceitos, adotamos sua abordagem no que diz respeito à análise de dados que correspondem a um problema que assola grande parte do alunado ao tratar do conteúdo aqui trabalhado, expondo a dificuldade de interpretação, compreensão e delimitação de figuras de linguagem que possuem usos parecidos e que se complementam.

Indo além, partindo de uma análise agora voltada para a abordagem analítica dos dados contidos na pesquisa e apoiados nos dizeres de LAKATOS (1991) podemos impor o caráter exposto no método hipotético-dedutivo de análise, pois ele possui as seguintes características, que foram destacadas pela autora ao mencionar Salmon (1978):

"I. Se todas as premissas são verdadeiras, a conclusão deve ser verdadeira.

II. Toda a informação ou conteúdo factual da conclusão já estava, pelo menos implicitamente, nas premissas." (LAKATOS, 1991, p. 57)

Esses fatores batem diretamente com a situação trabalhada no presente trabalho, levando em consideração as práticas de coleta de dados que ajudaram a firmar argumentos coerentes que juntamente com as hipóteses (o déficit de conhecimento prévios advindos do ensino fundamental com relação a interpretação), puderam destacar o problema como unânime do ponto de vista, no qual esboçamos ao nosso laboratório, a sala de aula.

3.4. Análise e discussão

Para o presente trabalho ter resultados palpáveis em relação à espectos avaliativos dos alunos, utilizamos uma espécie de exame pautado no uso das figuras de linguagem abordadas pelo processo, porém com uma mescla usual explorada pelas questões, que possuíam imagens e toda uma ambientação, o que exigia do aluno, além de interpretação, levar em consideração toda a estrutura antes de firmar sentido. Assim, ativando os devidos mecanismos aqui abordados.

A estrutura da avaliação seguiu um padrão cascata para a respostas, pois, apesar das questões escolhidas virem do Exame Nacional do Ensino médio (ENEM) algumas delas foram mescladas e ampliadas, exigindo do aluno explicações mais elaboradas de suas próprias respostas. O aspecto pessoal, revelaria se o aluno compreendia as funções que ele acionou, ou mesmo os mecanismos utilizados para estabelecer sentidos entre o que ele leu e o que respondeu.

Tendo em vista que a escolha das questões do ENEM facilitariam a percepção da problemática, além de tornar mais simples no momento de análise do material, isso através da própria estrutura da questão, que parte dos princípios matemáticos da TRI (Teoria de Resposta ao item), pois as questões do ENEM são formuladas através da metodologia informacional desempenhada por essa técnica. Segundo o guia do participante (2001,p.8) disponibilizado pelo INEP:

“[...]A TRI é um conjunto de modelos matemáticos que busca representar a relação entre a probabilidade de o participante responder corretamente a uma questão, seu conhecimento na área em que está sendo avaliado e as características (parâmetros) dos itens. Um aspecto importante da TRI é que ela considera a particularidade de cada item. Assim, as notas não dependem do total de itens da prova, mas de cada item que a compõe. Dessa forma, duas pessoas com a mesma quantidade de acertos na prova são avaliadas de forma distintas a depender de quais itens estão certos e errados e podem, assim, ter notas diferentes.” (p.8)

Porém, além da capacidade demonstrada pela técnica de avaliação, decidimos levar em consideração os parâmetros abordados como prioritários para o acúmulo de pontos no tocante a prova em seu contexto geral, pois, os pontos destacados como méritos de avaliação são pertinentes e abrangem aspectos que conversam com o que está sendo desenvolvido no presente estudo no que se refere a método avaliativo, são eles:

“a) parâmetro de discriminação: é o poder de discriminação que cada questão possui para diferenciar os participantes que dominam dos participantes que não dominam a habilidade avaliada naquela questão; b) parâmetro de dificuldade: associado à dificuldade da habilidade avaliada na questão, quanto maior seu valor, mais difícil é

a questão. Ele é expresso na mesma escala da proficiência. Em uma prova de qualidade, devemos ter questões de diferentes níveis de dificuldade para avaliar adequadamente os participantes em todos os níveis de conhecimento; c) parâmetro de acerto casual: em provas de múltipla escolha, um participante que não domina a habilidade avaliada em uma determinada questão da prova pode responder corretamente a um item devido ao acerto casual. Assim, esse parâmetro representa a probabilidade de um participante acertar a questão não dominando a habilidade exigida.” (p.8)

Através das informações contidas no guia do participante (livreto que apresenta as características da prova do ENEM, como: métodos de avaliação, soma de notas, regras, etc.), disponibilizado pelos órgãos responsáveis (MEC⁷, INEP⁸ e DAEB⁹), o estudo tomou uma face avaliativa com aspecto técnico e mais criterioso.

As questões abertas buscavam determinar se os alunos compreendiam seus próprios usos de linguagem e interpretação ao identificarem e usarem as figuras trabalhadas no teste. Primeiramente, questões do ENEM, com temas relacionados ao assunto das figuras e com teor humorístico cabíveis de interpretação, após isso, as questões se tornavam abertas e complementavam as anteriores, exigindo do aluno o conhecimento técnico que ele utilizou, visando determinar se compreendiam o assunto ou eram capazes de identificar o caminho que utilizaram para formar a devida compreensão para cada questão.

Seguindo a metodologia, as questões foram selecionadas de maneira minuciosa, pois as questões que seriam analisadas tinham características usuais das figuras de interesse do estudo, elas foram selecionadas seguindo o nível de dificuldade pré-estabelecido pelo próprio exame nacional do ensino médio, levando em consideração questões de nível 1 (fáceis) até 5 (mais difícil). Ambas foram distribuídas de maneira aleatória, com exceção das questões que foram elaboradas justamente para a análise das questões que foram escolhidas, buscando notar o nível de interpretação, compreensão e principalmente, de desenvoltura ao serem expostos a questões que exigissem um pouco mais de suas capacidades, levando em consideração o fato de

⁷MEC: Ministério da Educação.

⁸INEP: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

⁹DAEB: Diretoria de Avaliação da Escola Básica.

serem recém-ingressados no instituto e de serem alunos que saíram recentemente do contexto pandêmico.

O teste foi respondido por uma turma do primeiro ano do ensino médio do (IFAL) Instituto Federal de Alagoas- Campus Arapiraca, contendo 38 alunos. Utilizamos a ferramenta "forms" da plataforma Google, para realizar o procedimento de análise após as respostas serem enviadas, facilitando a logística do recolhimento de material para verificação.

Das 38 pessoas que foram expostas ao teste de interpretação, nenhuma conseguiu gabaritar. Ao todo, 13 questões foram disponibilizadas, sendo 6 delas questões abertas e o restante, foram buscadas em versões dos anos anteriores do ENEM.

As questões foram mescladas para maquiagem as reais intenções do teste, que não se resumiam apenas ao viés interpretativo, pois as questões abertas tinham mais valor sobre as restantes. Seriam elas que revelariam a real desenvoltura do aluno ao propor que ele explorasse melhor o assunto que ele acabara de utilizar para responder às indagações anteriores.

Indo além, os questionamentos foram classificados de acordo com o nível de conhecimento exigido, seguindo o modelo de Ingedore Koch e Vanda Elias em "Ler e Compreender" (2008). Destacando os seguintes saberes necessários para que ocorra a devida compreensão a partir da leitura: Conhecimento linguístico, conhecimento de mundo, conhecimento sobre gêneros textuais, entre outros¹⁰.

¹⁰ **Conhecimento comunicacional:** "Diz respeito à quantidade de informação necessária, numa situação comunicativa concreta, para que o parceiro seja capaz de reconstruir o objetivo da produção do texto; seleção da variante linguística adequada a cada situação de interação; adequação do gênero textual à situação comunicativa." (KOCH, 2008 p.50).

Conhecimento ilocucional: "Permite-nos reconhecer os objetivos ou propósitos pretendidos pelo produtor do texto, em uma dada situação interacional." (KOCH, 2008, p.46)

3.5. Conhecimento linguístico

O conhecimento que desencadeia todo o resto do processo, parte dos saberes correspondentes à língua do próprio usuário, levando em consideração a sua estrutura gramatical e lexical, além do nível de conhecimento que o leitor possui sobre esses aspectos basais que compõem o alicerce linguístico, como explica (KOCH, 2008):

"Abrange o conhecimento gramatical e lexical. Baseados nesse tipo de conhecimento, podemos compreender: a organização do material linguístico na superfície textual[...]" (KOCH, 2008, p.40).

Conhecimento de mundo

Esse tipo de conhecimento já foi citado neste estudo, mas ele compete diretamente com os saberes relacionados ao meio, no qual o usuário está inserido. São conhecimentos pautados no contexto e nas informações que são difundidas pelo espaço e através de outros veículos de informação ou vivências pessoais, assim gerando um repertório que produzirá referências. Desta maneira, tais referências conversaram com as novas informações trazidas pelo texto, gerando compreensão. (KOCK, 2008).

Conhecimento sobre gêneros textuais

Os saberes relacionados a este título, dizem respeito a capacidade do leitor de reconhecer e diferenciar os diferentes gêneros textuais que eventualmente ele terá contato, como descrito a seguir:

"Permite a identificação de textos como exemplares adequados aos diversos eventos da vida social. Envolve também conhecimentos sobre as macrocategorias ou unidades globais que distinguem vários tipos de textos[...]" (KOCH, 2008, p.54)

Questão 1:

1. ENEM 2013- A tirinha denota a postura assumida por seu produtor frente ao uso social da tecnologia para fins de interação e de informação. Tal posicionamento é expresso, de forma argumentativa, por meio de uma atitude...



- A- Crítica, expressa pelas ironias.
- B- Resignada, expressa pelos enumerações.
- C- Indignada, expressa pelos discursos diretos
- D- Agressiva, expressa pela contra-argumentação.
- E- Alienada, expressa pela negação da realidade.

A questão inicial do teste já apresentava o uso da primeira figura de linguagem (ironia), expondo através da tira humorística, uma crítica exercida por meio da contradição imposta entre as falas dos personagens e suas ações controversas. Porém, antes de se considerar o humor situacionista da questão, está posta em evidência a ironia contida nos ditos e em meio a construção de sentido apoiado no texto e na imagem.


Primeiramente, a escolha do questionamento inicial foi propositadamente introdutória a ironia, mas além disso, cobrava dos alunos a destreza necessária para interpretar não apenas os usos linguísticos contidos na questão, mas a sua significação também, o que seria apurado, após os alunos usarem de conhecimentos a respeito das figuras de linguagem para interpretarem de maneira correta e seguir o teste.

A resposta correta era a letra "A", dos 38 alunos que foram submetidos ao teste, 33 conseguiram responder corretamente a primeira questão, o que põe em evidência inicialmente, que a maioria dos indivíduos possuem

conhecimentos a respeito da primeira figura e conseguem a perceber dentro de determinado contexto.

Questão 2:

2. ENEM 2013- Nessa charge, o recurso morfossintático que colabora para o efeito de humor está indicado pelo(a):



A- Emprego de uma oração adversativa, que orienta a quebra da expectativa ao final.

B- Uso de conjunção aditiva, que cria uma relação de causa e efeito entre as ações.

C- Retomada do substantivo "mãe", que desfaz a ambiguidade dos sentidos a ele atribuídos.

D- Utilização da forma pronominal "la", que reflete um tratamento formal do filho em relação à "mãe"

E- Repetição da forma verbal "é", que reforça a relação de adição existente entre as orações.

A segunda questão seguia o mesmo propósito da primeira, porém com o teor humorístico mais acentuado e que exigia o devido conhecimento sobre "orações coordenadas sindéticas adversativas" para se achar a resposta correta. Isso implica que além do uso irônico, o conhecimento sobre a construção da língua em si, corrobora para a interpretação efetiva da questão.

A própria estrutura da questão exerce a mediação para que o leitor construa um pensamento a respeito do que gera o humor empregado pela situação retratada na fala e apoiada pelo aspecto não-verbal do texto. Esse fator auxilia na compreensão não só da estrutura utilizada para se estabelecer sentido, mas também na compreensão do uso da figura empregada, a ironia, que através de sua contradição, serve como alicerce da quebra de expectativa definida pela questão, gerando o humor.

A resposta correta era a letra "A", dos 38 alunos, 18 conseguiram responder corretamente, o que determina uma queda acentuada de

desempenho em relação à primeira, possivelmente devido ao teor técnico que a presente questão expõe, exigindo conhecimentos de uma área específica da estrutura linguística.

Questão 3:

3. ENEM 2012- O efeito de sentido da charge é provocado pela combinação de informações visuais e recursos linguísticos. No contexto da ilustração, a frase proferida recorre à...



- A- POLISSEMIA, ou seja, aos múltiplos sentidos da expressão "rede social".
- B- IRONIA para conferir um novo significado ao termo "outra coisa".
- C- HOMONÍMIA para opor, a partir do advérbio de lugar, o espaço da população pobre e da rica.
- D- PERSONIFICAÇÃO para opor o mundo real pobre ao mundo virtual rico.
- E- ANTONÍMIA para comparar a rede mundial de computadores com a rede caseira de descanso da família.

A questão 3 seguiu o mesmo padrão, no qual o questionário havia estabelecido. Utilizando de aspectos parecidos, desde o teor humorístico pautado em conhecimentos técnicos da língua até a breve explicação da estrutura onde a significação do texto se apoia. O apelo visual da charge emprega uma base contextual onde o uso verbal pode ser utilizado como um ponto específico de quebra no sentido geral do texto, resultando em humor.


A questão exige conhecimentos pautados no uso das figuras de linguagem, cobrando a polissemia para explorar os muitos sentidos impostos no termo "rede social", porém a mescla entre o apoio visual e as palavras, geram um contexto cômico, que poderia ser confundido com um uso irônico por conter a quebra de expectativa que a contradição da ironia exprime.

A resposta correta era a letra "A", dos 38 alunos que foram submetidos ao teste, 13 responderam corretamente e 17 marcaram a letra "B", pois

confundiram a figura de linguagem empregada na questão, apontando de maneira errônea a ironia.

Questão 4:

4. ENEM 2012- Conflitos de interação ajudam a promover o efeito de humor. No cartum, o recurso empregado para promover esse efeito é a...



Disponível em: www.humoradelta.com.br. Acesso em: 20 set. 2011.

- A- Intertextualidade, sugerida pelos traços identificadores do homem urbano e do homem rural.
- B- Ambiguidade, produzida pela interpretação da fala do locutor a partir da variedade do interlocuto
- C- Conotação, atribuidora de sentidos figurados a palavras relativas às ações e aos seres.
- D- Negação enfática, elaborada para reforçar o lamento do interlocutor pela perda da estrada.
- E- Pergunta retórica, usada pelo motorista para estabelecer interação com o homem do campo.

A questão 4 começa a esboçar o que de fato compõe a estrutura do fazer humorístico perante todos os mecanismos que são devidamente acionados no momento de determinada interação. As questões anteriores trabalharam detalhes separados e de cunho estritamente técnico, porém a presente questão, disponibiliza um conjunto de fatores que podem ser utilizados ao interpretar.

Além da breve explicação e exposição do viés humorístico, a questão apresenta um contexto bem definido composto por personagens que apresentam culturas distintas, ou seja, são de comunidades de fala diferentes e que passam a interagir por intermédio de uma ação cotidiana, o que expõe o viés pragmático.

A frase ambígua resultante da interação entre os dois sujeitos revela um ato falho de um deles, seja ao se expressar mal ou mesmo a compreensão do

real significado do que queria ser dito, esse fator resulta em uma bifurcação no sentido, gerando humor ao levar em consideração o contexto, tendo em vista a frustração na quebra de expectativa gerada através da resposta de um dos personagens.

Indo além, a ironia (ou mesmo o sarcasmo) pode ser identificada nas entrelinhas do contexto exposto pela questão, pois ao utilizar o viés pragmático já citado, o leitor poderia adicionar intencionalidades presentes na fala do personagem que foi questionado, o que serviria de apoio para identificar se a fala foi carregada com ironia ou sarcasmo, indo além de uma inocente resposta ocasionada por uma falha na comunicação.

A resposta correta era a letra "B", dos 38 alunos, 20 responderam corretamente, o restante oscilou entre conotação, pondo em evidência que o sentido figurado posto pela questão gerou estranheza, e intertextualidade, os alunos levaram em consideração o estereótipo apresentado pelos personagens que promovem a interação.

Questão 5:

5. ENEM 2011- O humor da tira decorre da reação de uma das cobras com relação ao uso de pronome pessoal reto, em vez de pronome oblíquo. De acordo com a norma padrão da língua, esse uso é inadequado, pois...



- A- Contraria o uso previsto para o registro oral da língua.
- B- Contraria a marcação das funções sintáticas de sujeito e objeto.
- C- Gera inadequação na concordância com o verbo.
- D- Gera a ambiguidade na leitura do texto.
- E- Apresenta dupla marcação de sujeito.

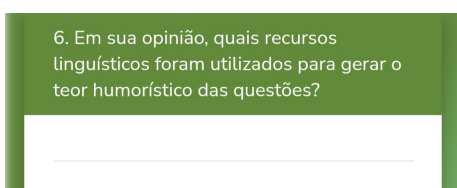
A questão 5 demarca o fim da sequência de questões que delimitam usos humorísticos em diferentes esferas, partindo desde conhecimentos técnicos da língua até contextos que formulam situações que podem ser devidamente interpretadas em prol da busca pelos mecanismos que desencadeiam tons de humor com base em outras figuras de linguagem.

A presente questão usa o viés técnico da língua materna para gerar a veia cômica. A inquietação de um dos personagens com o uso linguístico feito pelo seu parceiro, gerou a quebra necessária da expectativa, porém abre-se margem para considerar a própria situação apresentada, que adota tons absurdos ao utilizar animais interagindo e cobrando conceitos formais da língua.

A ironia está intrínseca na própria situação, mas para responder a questão o aluno deveria ter conhecimentos prévios do uso formal da língua, em específico os "pronomes" e suas articulações

A resposta correta era a letra "B", dos 38 alunos, 16 responderam corretamente, o restante concluiu que a correta seria a letra "E", porém apenas sustentaram o erro descrito na questão após confundirem e assumirem ambos os usos cometidos pela cobra, como marcação do sujeito.

Questão 6: início das questões abertas.



A questão 6 marca o início do grupo de questões que seriam complementares às questões anteriores, pois seriam elas que comprovariam se os alunos que foram submetidos ao teste, teriam a capacidade de identificar os devidos mecanismos linguísticos que utilizaram para interpretar e responder os questionamentos. Devido a isso, as questões seguiram a modalidade aberta e cobrava uma breve explicação do aluno acerca dos recursos que utilizaram para responder às questões anteriores.

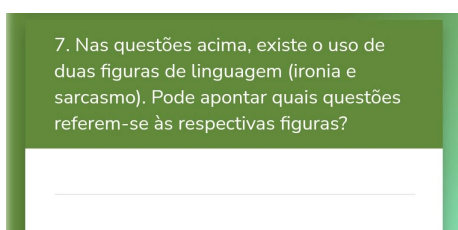
A presente questão inicia impondo a reflexão sobre quais mecanismos linguísticos teriam aflorado o tom humorístico nas questões anteriores. A mescla das respostas resultaram que a grande maioria (97% dos alunos que foram expostos ao teste) concluíram que o uso das figuras de linguagem, em específico a ironia e o sarcasmo, garantiram o teor humorístico das situações, os 3% restantes, acusaram as próprias palavras de fazerem isso.

Respostas mais comuns dentre os que responderam a questão retratada:

- 1- "Figuras de linguagem".**
- 2- "Ironia e sarcasmo".**
- 3- "As palavras".**
- 4- "A variedade de significados de diversas palavras e frases a partir da cultura e região das pessoas."**

Isso demonstrou que os alunos se limitaram a responder o que estava muito aparente nas questões, ou mesmo estava discriminado nas próprias, porém demonstraram que possuem certa compreensão sobre os determinados usos das figuras de linguagem trabalhadas no presente estudo. Apenas 1 dentre todos os alunos, levou em consideração o fator imposto pelo contexto apresentado pelas questões, indo além de apenas destacar o uso das figuras.

Questão 7:

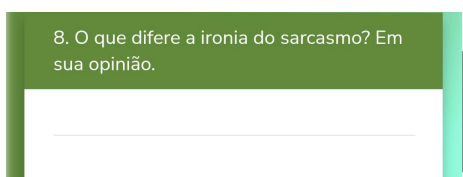
A screenshot of a question card with a green header and a white body. The text in the header reads: "7. Nas questões acima, existe o uso de duas figuras de linguagem (ironia e sarcasmo). Pode apontar quais questões referem-se às respectivas figuras?". Below the text is a horizontal line for the answer.

7. Nas questões acima, existe o uso de duas figuras de linguagem (ironia e sarcasmo). Pode apontar quais questões referem-se às respectivas figuras?

A questão 7 segue o princípio da cascata, onde um questionamento complementa o outro. O intuito desta questão foi verificar se os alunos possuíam reais conhecimentos das figuras trabalhadas e se eles poderiam identificar seus usos presentes nas questões advindas do ENEM, a partir disso, o diagnóstico das reais competências dos alunos seria inicialmente apurada.

Dos 38 alunos, 15 conseguiram responder corretamente, os alunos restantes não conseguiram responder, ou deram respostas que não correspondiam diretamente ao que foi perguntado. Isso delimita que menos da metade não conseguiram determinar quais figuras foram utilizadas anteriormente, ou seja, responderam a questão apenas com base na interpretação dos dados disponibilizados pelo próprio questionamento. Isso indica que não conseguem ir além do que está posto comumente.

Questão 8:

A screenshot of a question card with a green header and a white body. The text in the header reads: "8. O que difere a ironia do sarcasmo? Em sua opinião.". Below the text is a horizontal line for the answer.

8. O que difere a ironia do sarcasmo? Em sua opinião.

As questões abertas foram colocadas de maneira estratégica para que os alunos demonstrassem se, de fato, sabiam do assunto tratado anteriormente. As figuras de linguagem foram utilizadas em todas as questões, porém a cobrança ia além da interpretação superficial, para que os alunos fossem testados as questões abertas foram adicionadas.

A questão 8, impõe diretamente um questionamento técnico que só poderia ser resolvido por aqueles que realmente tivessem o devido entendimento das figuras trabalhadas e utilizadas nas questões anteriores.

Tendo isso em vista, os alunos deveriam delimitar o que era a ironia e o sarcasmo, podendo explicar e ir além. Como demonstrado no estudo, a ironia é uma figura de linguagem que constrói sentido utilizando a contradição, ela exprime o contrário do que queria ser dito, porém para acentuar sua significação.

O sarcasmo, por sua vez, parte do mesmo princípio, porém a sua intencionalidade é controversa, pois ele é utilizado por uma vertente pejorativa, de crítica, difamação, etc.

Para que a questão fosse considerada correta, os alunos deveriam descrever algo parecido, mesmo que não fosse um texto com cargas teóricas e técnicas elevadas. Levando em consideração os 38 testes, todos os alunos demonstraram conhecer o uso da ironia e sua função, porém para alguns, o uso do sarcasmo ainda é um tanto nebuloso, devido a proximidade entre as duas figuras, já que são diferenciadas, geralmente, através do contexto, no qual uma ou outra é utilizada.

Respostas destaque:

1- "A tonalidade da língua que tende a ser diferente como a ironia que é calma e o sarcasmo mais grosso."

2- "A ironia apresenta uma ideia contrária do que é esperado. O sarcasmo traz uma ideia de "deboche"."

3- "Ironia faz comparação entre dois temas"

Sarcasmo faz um exagero do termo"

4- "A ironia é aquilo que consiste afirmar o contrário do que se quer dizer"

5- "Sarcasmo é zombar de algo e ironia é uma forma de afirmar algo no sentido conotativo"

6- "Ironia é mais engraçado, e sarcasmo é mais debochado."

7- "A ironia geralmente é dita em tons maliciosos, e o sarcasmo, por sua vez, em tons cômicos."

Respostas mais frequentes:

1- "A ironia é tudo ao contrário do que foi falado"

2- "Ironia- o contrário do que quer ser dito.

Sarcasmo - exatamente o que quer ser dito com deboche."

3- "Que a ironia tem um tom maliciosos, já o sarcasmo tem um tom mais de piada."

**4- "ironia- perguntar disfarçando que não sabe a resposta
sarcasmo é mais "maldoso""**

5- "A ironia é a fala no sentido oposto.

Sarcasmo é o uso do humor para humilhar algo ou alguém."

6- "Sarcasmo possui mais humor, enquanto a ironia é mais rígida."

7- "Ironia: falar o oposto de modo grosso com intenção de gozar e sarcasmo é igual porém mais intenso"

As respostas demonstram que eles possuem convicção do uso irônico, porém o sarcasmo possui uma linha que não segue tênue em meio às respostas, já que alguns atribuem tons humorísticos a ele, e outros apenas indicam a sua intencionalidade duvidosa ou sua rispidez aparente, porém desconsideram o fator contextual, de quando e onde utilizar as figuras.

Questão 9:

9. Na sua concepção, o que um texto precisa para ser considerado "humorístico", ou ainda, ser ao menos, engraçado?

A questão 9 marca o fim das indagações complementares, ela foi posta para os alunos determinarem o que para eles é o humor em uso, levando em consideração suas reflexões pessoais a respeito dessa figura. O aluno deveria esclarecer o que o humor representa e quais mecanismos linguísticos poderiam ser acionados em nível textual para que o teor cômico da vertente humorística fosse estabelecida.

Todo o teste foi elaborado utilizando conhecimentos de interpretação e figuras de linguagem, em específico as aqui trabalhadas, com base nas questões daria para ter certa noção do uso em determinados contextos, tanto da configuração de uma situação cômica, como dos usos cometidos para gerar a significação necessária.

A questão em pauta, deveria ser respondida com o devido aproveitamento técnico exposto nas questões anteriores, algo não superficial, mas que apontasse se os alunos conseguiriam demonstrar os gatilhos necessários para se gerar o humor, além de estabelecer a devida reflexão sobre as figuras utilizadas para exaltar o tipo de tom humorístico utilizado para as questões, às quais eles foram expostos.

Dos 38 alunos que responderam, apenas 4 conseguiram explanar suas ideias de maneira mais elaborada, pois levaram em consideração não só a estrutura utilizada para a escrita, mas também o contexto, ou as situações utilizadas como base para transmitir o tom cômico para o leitor. Os alunos

destacaram não apenas as figuras de linguagem, como o esperado, isso indica que alguns conseguiram notar que o texto descreve toda uma relação de comunicação e sentidos que estão ligados a uma situação em comum, que é corriqueira, contextualizada e apresenta uma quebra de perspectiva, fazendo uso de artifícios como as próprias figuras ou mesmo a própria cultura ou relação estabelecida entre os sujeitos que compõem determinado ato comunicativo.

Respostas destaque:

1- "Trazer situações inesperadas, atos engraçados e também a ironia e o sarcasmo que geram tais situações"

2- "Precisa está envolvendo algumas tirinhas que envolvam algumas gírias que usamos no dia a dia."

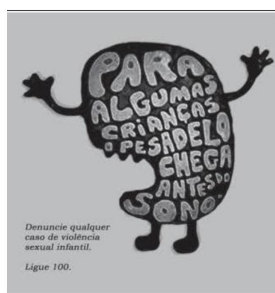
3- "Quebrar a expectativa do leitor ou expressar uma situação comum e atual de maneira sarcástica"

4- "A quebra da expectativa."

O restante dos alunos mantiveram-se limitados a responder diretamente e com economia de palavras. Respostas como: "figuras de linguagem", ironia e sarcasmo", "deve conter piadas" e "deve ser engraçado" foram as mais recorrentes dentre as demais respostas.

Questão 10:

10. ENEM 2014- Os meios de comunicação podem contribuir para a resolução de problemas sociais, entre os quais o da violência sexual infantil. Nesse sentido, a propaganda usa a metáfora do pesadelo para...



Disponível em: www.portaldopropaganda.com.br. Acesso em: 29 out. 2013 (adaptado).

- A- Informar crianças vítimas de abuso sexual sobre os perigos dessa prática, assim contribuindo.
- B- Denunciar ocorrências de abuso sexual contra meninas, com o objetivo de penalizar criminosos.
- C- Dar a devida dimensão do que é o abuso sexual para uma criança, enfatizando a prática da denúncia
- D- Destacar que a violência sexual infantil predomina durante a noite, o que requer maior cuidado.
- E- Chamar a atenção para o fato de o abuso infantil ocorrer durante o sono, como sendo um pesadelo.

As questões postas após àquelas que davam a possibilidade de explicar sobre os usos cometidos ou notados através da interpretação prévia dos questionamentos que tiveram acesso, foram utilizadas para disfarçar o real intuito do teste em geral.

A partir da décima questão, o teste se desvia da vertente utilizada até então, focando apenas na interpretação, sem trabalhar figuras ou ações contextuais paralelas.

A presente questão expõe uma denúncia de maneira eficaz, impactante, e os alunos deveriam apropriar-se do conteúdo e interpretar. Em um primeiro momento, a questão era cobrada separadamente, para após o aluno buscar aprofundar-se utilizando reflexões originais construídas através dos próprios recursos utilizados pela questão para causar a significação necessária e o impacto necessário para lidar com o assunto.

A resposta correta da questão é a letra "C", dos 38 alunos, 22 responderam corretamente, o restante ficou em dúvida entre a alternativa "A", aparentemente por levar em consideração apenas as palavras presentes e o assunto, descartando o viés preventivo, e a alternativa "E" em sua maioria, isso demonstra que os alunos que erraram foram limitados no momento de interpretar, pois apontaram fatores evidentes no cartaz da questão, e seguiram uma linha literal que os fizeram considerar apenas o que estava escrito.

Questão 11:

11. ENEM 2020- As aspas sinalizam expressões metafóricas empregadas intencionalmente pelo autor do texto para...

O ouro do século 21

Cério, gadolínio, lutécio, promécio e érbio; samário, térbio e disprósio; hólmio, túlio e itérbio. Essa lista de nomes esquisitos e pouco conhecidos pode parecer a escalação de um time de futebol, que ainda teria no banco de reservas lantânio, neodímio, praseodímio, európio, escândio e ítrio. Mas esses 17 metais, chamados de terras raras, fazem parte da vida de quase todos os humanos do planeta. Chamados por muitos de "ouro do século 21", "elementos do futuro" ou "vitaminas da indústria", eles estão nos materiais usados na fabricação de lâmpadas, telas de computadores, tablets e celulares, motores de carros elétricos, baterias e até turbinas eólicas. Apesar de tantas aplicações, o Brasil, dono da segunda maior reserva do mundo desses metais, parou de extrai-los e usá-los em 2002. Agora, volta a pensar em retomar sua exploração.

- A- Imprimir um tom irônico à reportagem.
- B- Incorporar citações de especialistas à reportagem.
- C- Atribuir maior valor aos metais, objeto da reportagem.
- D- Esclarecer termos científicos empregados na reportagem.
- E- Marcar a apropriação de termos de outra ciência pela reportagem.

Se encaminhando para o final do teste, a última questão com alternativas foi disponibilizada, trazendo a ironia como opção, porém em um contexto não propício para a exploração do humor, já que não desempenhava

uma ação cômica, mas sim um uso irônico que acrescentaria valores de significação aos objetos retratados na matéria.

Novamente, a questão explorava apenas o viés interpretativo, com exclusão de tons humorísticos, mas desta vez dando margem ao erro por conter uma alternativa que remete ao assunto trabalhado anteriormente, ou seja, tornou-se essencial uma interpretação bem elaborada por parte dos alunos, para conseguirem excluir a ironia como alternativa e focarem nos outros aspectos da reportagem, que seriam os nomes atribuídos aos materiais e os ganhos de significação gerados por eles.

A resposta correta é a letra "C", o que iria gerar uma contradição caso a atenção não fosse maximizada, pois a reportagem adota um tom sério ao exaltar o valor dos metais citados, e se utiliza de nomes que demonstram esse patamar elevado. Ao reconhecer de maneira errônea como sendo ironia, o conteúdo da matéria seria contrário ao retrato original, podendo ser confundido com sarcasmo ao expressar uma crítica, modificando toda a significação.

Dos 38 alunos, 18 responderam a questão corretamente, sendo o restante distribuído entre as alternativas "A e D".

Questão 12:

12. Ao utilizar a questão 10 como exemplo, vemos que a propaganda de conscientização impõe um teor tenebroso, mas você consegue explicar o que gera tal característica ao analisar a imagem destacada lá?! O assunto tratado é delicado, por si só, já estampa o tom obscuro, porém quais mecanismos a imagem utiliza para destacar a seriedade dessa discussão?

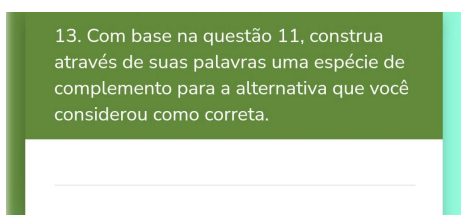
A questão 12 serviu de complemento para a questão 10, pois o intuito era propor a liberdade para o aluno relatar as referências que ele notou e que ajudaram na real interpretação do cartaz exposto pela questão. A interpretação levaria em consideração os aspectos que constituíam a imagem em uma dimensão geral, contando com aspectos verbais e não-verbais, além da utilização de tons mais escuros adotados pela estética na imagem e nas fontes utilizadas para transmitir a mensagem.

O texto em si, já carrega as informações necessárias, porém a estrutura do cartaz possui um arranjo estético harmônico que providencia uma atmosfera pesada e que condiz com o contexto imposto pelo assunto retratado. Os alunos deveriam utilizar de cada aspecto para formular uma interpretação cabível ao cartaz e após isso, apontar tais aspectos.

Dos 38 alunos, apenas 4 não conseguiram responder, o restante destacou alguns aspectos de modo separado, porém ainda corretos. Exemplo: "A imagem de um monstro que representa a ameaça de um adulto", "cores obscuras" , "O destaque para o pesadelo e um monstro", "As palavras juntamente com a imagem".

As respostas condizem com um nível de interpretação interessante, que abrangeu os detalhes cabíveis para a significação e tratamento do assunto em pauta, evidenciando a importância, mesmo que impondo a conscientização através de um cartaz com características amedrontadoras, que transmitiam sentimentos condizentes com os das crianças que sofriam com essa situação.

Questão 13:



13. Com base na questão 11, construa através de suas palavras uma espécie de complemento para a alternativa que você considerou como correta.

A última questão do teste trouxe mais uma oportunidade para os alunos explicarem seus meios e referências utilizadas para responder uma questão anterior. Os alunos deveriam complementar com explicações próprias, as alternativas escolhidas por eles na questão 11, o que iria expor se a desenvoltura se deu através da análise prévia do conteúdo, ou não.

Ao cobrar explicações sobre o processo, o número de acertos diminuiu drasticamente, dos 38 alunos, 21 não conseguiram responder, deixaram em branco, ou marcaram um ponto para validar a questão e concluir, no montante de respostas incorretas, metade são questões anuladas por falta de respostas, inclusive de alunos que responderam corretamente na questão de marcar a alternativa, isso evidencia que alguns marcaram sem possuir certeza. Dos

alunos que responderam corretamente, acertaram ambas as questões, ou seja, interpretaram e souberam explicar e ir além do que já estava posto.

Respostas destaque:

1- "Destacar a importância das palavras e a importância dos metais"

2- "Porque o uso das aspas é usado para dar mais destaque aos materiais considerados mais importantes"

3- "Ao utilizar as aspas, enfatiza melhor os metais."

4- "Atribuir maior valor aos metais ,objeto da reportagem"

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos resultados apresentados após a realização dos testes, pudemos concluir que grande parte dos sujeitos que foram submetidos a avaliação, não conseguiram estabelecer ou determinar o próprio processo de decodificação e interpretação nas questões contextuais, mesmo apoiados em imagens e ambientações que endossaram o fazer interpretativo.

Ao levar em consideração as questões abertas, novamente pudemos entender que os alunos não compreendiam as funções empregadas pelas figuras de linguagem no contexto geral do teste, isso tornou-se claro ao observar a dificuldade recorrente em explicar, por exemplo, o que tornava uma situação de interação, engraçada, ou mesmo o que eles compreendiam como sendo a ironia, o sarcasmo ou o próprio humor.

Tendo em vista os poucos alunos que se sobressaíram na avaliação, novos dados surgiram, porém não demonstram ainda grandes avanços. A

interpretação ocorreu de maneira satisfatória, porém ao serem indagados sobre os conhecimentos utilizados previamente, demonstraram ter pouca destreza ao explanar sobre, ainda que conhecessem o conteúdo que foi empregado na construção e no processo da atividade proposta.

Contudo, deve-se destacar que os alunos que foram expostos ao teste de interpretação eram, em sua maioria, advindos do sistema público de educação básica, ofertado na própria cidade e em seus arredores, provavelmente, a base prévia de conhecimentos acerca dos assuntos cobrados, não foi totalmente absorvida pelos alunos nos anos anteriores, gerando uma dificuldade padrão.

Os alunos expostos ao teste, eram do primeiro ano do ensino médio, com faixa etária de 13 aos 15 anos, todos recém-ingressados na instituição, alguns naturais da própria cidade de Arapiraca, e grande parte vieram de cidades ou sítios nos arredores (São Sebastião, Taquarana, Feira Grande, etc.). O nível de aproveitamento do teste em relação à desenvoltura dos alunos, possui um aspecto padrão que nivela os resultados e aponta dificuldades destacáveis com relação à interpretação, o que aponta um volume de alunos que chegam ao ensino médio sem conhecimentos básicos de decodificação, formulação de referências e, por fim, interpretação propriamente dita.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Entenda a sua nota no Enem: guia do participante. Brasília, DF: INEP, 2021.

BRAIT, Beth. Ironia em perspectiva polifônica. 1996. **Campinas-SP: Editora da Unicamp**, 2008.

DUARTE, Lélia Parreira. Ironia, humor e fingimento literário. **Cadernos de Pesquisa**, n. 15, p. 54-78, 1994.

BRANDÃO, Z. A dialética macro/micro na sociologia da educação. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, SP, n. 113, p. 153-165, jul. 2001.

COE, Richard. M. The new rhetoric of genre: writing political briefs. In: JOHNS, Ann. M. (Ed.). *Genre in the classroom: multiple perspectives*, 2002. p. 197-210.

DUARTE, Lélia Parreira. **Ironia, humor e fingimento literário.** **Cadernos de Pesquisa**, n. 15, p. 54-78, 1994.

DA COSTA SALLES, Ana Cristina Teixeira. **Humor: dor e sublimação.** *Reverso*, v. 33, n. 61, p. 21-27, 2011.

DECIAN, Micheli Mariel; DELLA MÉA, Celia Helena Pelegrini. O signo lingüístico: de Saussure a Benveniste. **Disciplinarum Scientia| Artes, Letras e Comunicação**, v. 6, n. 1, p. 93-109, 2005.

FERGUSON, M. A.; FORD, T. E. Disparagement humor: A theoretical and empirical review of psychoanalytic, superiority, and social identity theories. *Humor:International Journal of Humor Research*, v. 21, n. 3, p. 283-312, 2008.

FREUD, Sigmund. Os chistes e sua relação com o inconsciente [1905]. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Ed. Imago, v. VIII, 1969.

FREUD, S. *Jokes and their relation to the unconscious.* New York/London: W.W. Norton & Company, 1989.

FREUD, Sigmund. Os chistes e sua relação com o inconsciente, (1905). In: Edição Standart das Obras Completas de Sigmund Freud. v. 8. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Elisa Pereira. Iniciação à pesquisa científica. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

GUIMARÃES, Elisa. Linguagem verbal e não verbal na malha discursiva. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 8, p. 124-135, 2013.

LEVINSON, Stephen C. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Metodologia científica: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis, metodologia jurídica. In: **Metodologia científica: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis, metodologia jurídica**. 2015. p. 314-314.

MALISKA, Mauricio Eugênio; DE SOUZA, Silvana Colares Lúcio. **Os efeitos de sentido da ironia e do humor: uma análise das histórias em quadrinhos da Mafalda**. Revista Recorte, v. 11, n. 1, 2014.

ORLANDI, Eni P. Destruição e construção do sentido: um estudo da ironia. Trabalho apresentado no colóquio do Dep. de Linguística do IEL, UNICAMP, Campinas, SP: 1983.

OLIVEIRA, Maria do Socorro. Gêneros textuais e letramento. **Revista brasileira de linguística aplicada**, v. 10, p. 325-345, 2010.

SAUSURRE, F. **Curso de linguística geral**. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de lingüística geral. São Paulo: Cultrix, 1969.

SILVA, Wagner Rodrigues. KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. 2006. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto. ISBN 85-7244-327-4. 216 P. Revista da ABRALIN, 2007.

TABACARU, Sabina. Uma visão geral das Teorias do Humor: aplicação da Incongruência e da Superioridade ao sarcasmo. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, p. 115-136, 2015.

VYGOTSKY, L. S. 1987. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 157 p.

ZABALBESCOA, P. Humor and translation: an interdiscipline. *Humor: International Journal of Humor Research*, v. 18, n. 2, p. 185-207, 2005.